

OS DISCURSOS SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS MEMES DIGITAIS

Raphael Alves da Silva; Flavia Mendes de Andrade e Peres;

Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco

Resumo: A dimensão transcendental da tecnologia ganhou um componente que potencializou bastante a capacidade de interação global entre as pessoas, a internet. Diante disso, este trabalho objetiva compreender a articulação entre os discursos materializados nos memes digitais e as vivências compartilhadas entre os dois principais agentes envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, os alunos e seus professores. A partir de uma perspectiva teórica, cujos eixos centrais abordam as temáticas de Redes Sociais, Memes e Atuação Docente, conduzimos o nosso olhar para um dos mais importantes fenômenos da contemporaneidade, que é a grande rede discursiva presente nos contextos virtuais. Trata-se de um estudo orientado pela etnografia virtual, cuja metodologia será desenhada com base em material retirado da página do Facebook *Escola da Depressão*, considerada a maior comunidade virtual brasileira que tem a escola enquanto unidade temática. A discussão em torno das redes sociais torna-se importante porque, a partir dela, é possível compreender como os complexos arranjos virtuais estão alterando as relações humanas, promovendo a propagação de diferentes discursos e de alguma maneira permitindo que os agentes ainda silenciados pelos processos históricos possam expressar o que pensam. Farão parte do corpus os memes publicados nessa página que, a partir do ponto de vista do aluno, retratam diversas situações vivenciadas no cotidiano escolar. Nesse contexto, os criadores de memes, na maioria das vezes, fazem uso do humor, na tentativa de perceber, ressignificar e criticar as experiências permitidas e impostas por esse cenário. Essa pesquisa pode contribuir para reflexões sobre os memes e a produção de significados na contemporaneidade, visto que permite a ampliação de algumas formulações teóricas sobre os reflexos do papel da educação escolar nas mídias e a atuação dos agentes envolvidos nos processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Memes, Escola, Professor, Aluno, Redes Sociais.

1. Introdução

O meme, figura 1, foi publicado pela página Escola da Depressão no dia 7 de janeiro de 2017, e dialoga com o presente artigo, no sentido de que objetivamos investigar a produção discursiva sobre a relação professor-aluno, propagada em significados organizados em memes digitais. Dessa forma nos interessa perceber como os memes, enquanto unidade linguística, possibilitam ou restringem a atuação crítico-transformadora sobre os contextos escolares, visto que eles são hoje um dos maiores fenômenos das mídias digitais.



Figura 1. Meme 07/01/2017 (página Escola da Depressão).

Apesar dos contextos mais locais e específicos, alguns significados, presentes nas interações que fazem parte do cotidiano de ambientes escolares aqui no Brasil, parecem ser compartilhados por uma juventude que se mostra bastante conectada e disposta a expor coletivamente aquilo que pensa. Dessa forma, dissertar sobre os agentes envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, como alunos e professores, significa em primeira instância, pensar sobre as relações de poder presentes nesses espaços.

Sobre as relações de poder no cotidiano escolar, as luzes de Foucault (1999) são importantes para perceber o funcionamento das escolas como “instituições de sequestro” (p.167), por retirar por um longo período o sujeito da família ou da sociedade mais ampla, a fim de moldar condutas e disciplinar comportamentos, gestos e pensamentos. Com a idade moderna, essas instituições tenderiam a usar menos castigo e mais docilização dos corpos. Como se pode entender, na prática, ainda caminham juntas as diversas formas de punição e outras estratégias menos opressoras. A ambiguidade conceitual na ideia de disciplina, por exemplo, tanto na epistemologia, quanto na estrutura curricular do ensino, invoca um campo de saber e um mecanismo político de controle, o qual implica disciplinarizar a organização das ciências e a domesticação de corpos e desejos.

Ricoeur (1969, p.72), defende que ensinar “é um ato comum”, e que a relação entre professor-aluno, por exemplo, é uma das “mais difíceis de ser exercida em nossa sociedade”, visto que é “primeiramente uma relação assimétrica, em que a carga de competência e experiência dá licença, de parte do ensinante, ao exercício de um domínio que é muito fácil de consagrar nos meios de instituições hierárquicas e coercitivas.” Por atuar como um dos agentes de controle, que garante a disciplina, vigia e reforça algumas das “obrigações crônicas” (FOUCAULT, 1999, p. 42) adotadas pela escola, a imagem do professor também foi maculada por alguns discursos históricos. Sendo

assim, é importante pontuar que o docente é apenas uma das peças que compõem o amplo campo educacional, sendo ele também vítima dos abusos e negligências ainda atuantes nesse construto.

Neste trabalho, focalizamos os memes, enquanto unidades discursivas atuantes no espaço virtual, atualmente, evidenciando aspectos dessas unidades em uma página no facebook, que apontam para práticas discursivas escolares, e imaginários sobre os modos de transformação que são aplicados em tais práticas. Busca-se refletir sobre arranjos e artefatos pedagógicos que instituem sujeitos, especificamente na relação professor-aluno, e como aparecem nos memes. Atentamos assim para possíveis significações feitas sobre os micropoderes que se exercem na relação professor-aluno, e são propagadas na internet através de memes.

Todos os dias, redes como o Facebook e o Twitter são espaços propícios para a propagação de memes. Apesar de criados por inúmeros sujeitos, muitos memes se multiplicam rapidamente, como organismos, a partir de uma rede ininterrupta de compartilhamentos. Se levarmos em consideração a analogia proposta pelo geneticista Dawkins (1976), que estudou a evolução da cultura e o processo evolutivo das ideias a partir do espectro biológico, isso fica ainda mais evidente. O autor utilizou o termo meme "para descrever pequenas unidades de cultura que se espalham de pessoa para pessoa através da cópia ou imitação". É o próprio Dawkins (1976) que defende a capacidade de propagação autônoma dos memes. Os estudos sobre imitação foram ampliados por Blackmore (2000), uma das maiores entusiastas sobre os estudos dos memes, foi ela quem procurou investigar as ideias, as instruções e os comportamentos que são passados adiante.

Até meados da década de 1990, não havia correlação entre esse termo e a unidade digital que conhecemos hoje. Nunca foi possível apontar oficialmente quem utilizou o termo meme pela primeira vez para se referir ao conteúdo que viralizava nas embrionárias redes sociais. Sabe-se que, a princípio, um jovem chamado Jonah Peretti criou uma espécie de centro de pesquisas com o nome de Contagious Media, onde uma equipe trabalhava fazendo experimentos com diversos conteúdos, na intenção de viralizá-los. Foi em um festival de virais, criado por eles em 2000, que surgiu com mais força a comparação do material com a teoria de Dawkins. Desde então o termo "meme" passou a ser utilizado para descrever as unidades, geralmente compostas pela associação de imagem e texto verbal, que hoje estão entre as mais populares da internet.

Shifman (2014), olhando especificamente para o campo da internet, propõe uma nova definição para os memes, afirmando que eles devem ser vistos como “um grupo de unidades digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e / ou posição ” (p.7). O autor também pontua duas de suas principais características: que eles são criados com uma consciência um do outro; que eles circulam, são imitados e / ou transformados pelos usuários da internet.

Apesar de sofrerem um “processo viral”, termo novamente emprestado da biologia para simbolizar o tipo de mensagem que pode alcançar grandes proporções na rede, como defende Barrichello e Oliveira (2010), os memes não podem ser vistos apenas como unidades propagadoras de discursos, para além disso, eles sofrem mutações diversas e incontroláveis, de modo que é quase impossível determinar o seu criador(a) original, como aponta Burgess (2009). Isso significa, por fim, que todo meme é resultado de um processo de imitação. Eles são produzidos a partir de uma narrativa embrionária que é replicada, ganhando novos sentidos.

Imagens e textos verbais são formas históricas e consolidadas de representar o mundo, ou seja, são caminhos concretos que permitem a construção dos discursos, que são, também, produtos do funcionamento da linguagem. Sendo assim, como qualquer objeto que se manifesta através da linguagem, os memes devem ser explorados e vistos como formadores e propagadores do pensamento, sendo capazes de reproduzir e instituir verdades por meio da sedimentação dos discursos neles contidos. Diante disso, nos filiamos à noção de discurso defendida por Foucault (2008), que entende o discurso enquanto um conjunto de enunciados, praticados em função das condições históricas, ou seja, eles são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala.” (FOUCAULT, 2008, p. 60). Ao fazer essa afirmação, o autor reforça que esse tipo de análise não procura desvendar a universalidade de um sentido, e sim colocar “à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. ” (FOUCAULT, 1996, p. 70). Esse tipo de investigação permite um olhar, como defende Fischer (2003), tanto para o que é propriamente discursivo, como a linguagem e o enunciado, quanto para as práticas exercidas pelas instituições, manifestadas através dos exercícios, dos rituais, da manutenção das posições hierárquicas e da distribuição dos sujeitos no convívio social.

Por fim, é importante ressaltar que na falta de espaços amplos e democráticos, onde estudantes e professores possam compartilhar abertamente aquilo que pensam, os memes se tornam um

importante lugar para a construção de enunciados, suscitando práticas discursivas cada vez mais complexas e promovendo reflexões fundamentais para que possamos adotar um olhar mais horizontalizado, principalmente no que diz respeito às relações estabelecidas entre professores e alunos.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, utilizando-se recursos da etnografia virtual e análise do discurso. Durante um período de tempo compreendido entre janeiro e março de 2017, foi realizada uma imersão no Facebook, com visitas sistemáticas e observação das práticas vivenciadas na página *Escola da Depressão*, em foco, que permitiu um panorama sobre as ações de uso e distribuição dos memes na mesma. Nesse período, para o trabalho aqui apresentado, foram selecionados 2 memes publicados na página, a qual é administrada por um grupo anônimo, que utiliza a temática da escola para publicações diárias de memes, dos quais alguns serão analisados na seção seguinte, como exemplares para a discussão aqui posta.

Para a etnografia virtual, levou-se em consideração a perspectiva de Hine (2005), que não só caracteriza esse método, como aponta para alguns problemas percebidos por quem adota esse tipo de abordagem. O principal deles é o fato de que essa abordagem ainda é fruto de muitos conceitos herdados das ciências tradicionais, e por isso, ainda existe muito a ser estudado. A autora, em trabalho intitulado *Virtual Ethnography* (2000), nos apresenta uma lista com algumas questões que a etnografia virtual pode nos ajudar a compreender melhor os seus objetivos. Entre elas é importante citar: como os usuários da Internet “enxergam” suas capacidades comunicativas e interativas; como a Internet afeta as organizações e relações sociais, com o espaço e com o tempo; quais são as implicações para a autenticidade e segurança; se a experiência do virtual é radicalmente diferente da experiência do real físico.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e do que Amaral (2010) chama de “etnografia online”, será preciso seguir “um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas”, como defende Chizzotti (2003, p.222). A não presença física do pesquisador faz com que seja necessário evitar algumas inconsistências. Para isso, autores como Bradley (1993, p. 236) solicita que os pesquisadores qualitativistas “procurem conferir a

credibilidade da fonte e do material analisado, que primem pela fidelidade na transcrição do material e que busquem posteriormente a confirmação dos dados analisados”.

Esse olhar atento nos ajudou a cumprir algumas etapas do processo metodológico. A primeira delas diz respeito à fase exploratória do cenário e a familiarização do pesquisador com as dinâmicas ali presentes, o que permitiu compreender melhor o fenômeno abordado. A etnografia virtual nos aproxima de correntes como a interpretacionista, que faz com que seja possível adotar um caráter mais descritivo, onde a presença do pesquisador se faz necessária. Esse engajamento é essencial para que a etnografia não seja vista como “sinônimo supostamente legítimo para uma mera observação e monitoramento” (AMARAL, 2010, p.129).

Por se tratar de publicações onde podem ser realizadas apenas reações, comentários ou compartilhamentos, o grau de participação do pesquisador obedeceu ao que Neve (2006) chama de *lurker*, ou seja, fez-se frequentes visitas à página em questão, sem participar ativamente das discussões, passando despercebido e mantendo certo anonimato.

Sendo um gênero onde imagem e texto estão presentes concomitantemente, é importante compreender, na busca pelo tema central nesses memes, que nenhum texto é exclusivamente temático ou exclusivamente figurativo. Assim, temas e figuras estão sempre interligados e criam seus próprios percursos, por meio dos quais podemos reconhecer “de que trata um texto”, o que nos auxilia, e permite com que uma leitura e um interpretação do texto, seja realizada, no desvelamento da sua significação, como defende Fiorin (1996, p.23-25).

Para a Análise, seguiu-se com a perspectiva de Foucault (2012), visto que são interpretados os enunciados produtores de sentido revelados e descritos a partir do estudo etnográfico. Essa ação analítica nos fará pensar sobre as condições de existência desses discursos, problematizando-os e identificando os seus efeitos de verdade. Nesse sentido, a análise desses enunciados não é feita a partir de estruturas isoladas, visto que eles habitam o interior das práticas discursivas, que é ‘esse feixe complexo de relações que ‘faz’ com que certas coisas possam ser ditas (e serem recebidas como verdadeiras), num certo momento e lugar.’ (FISCHER, 2003, p. 373). É preferível respeitar o perfil arquitetônico dos textos, visto que eles ecoam de espaços que se relacionam e estão visivelmente entrecruzados. Esse caráter heterogêneo é o que nos permitirá caminhar com fluidez,

respeitando não só cada uma das unidades discursivas, mas principalmente a natureza espacial e a constituição de cada uma delas.

3. Análises e Discussão

A página *Escola da Depressão* é administrada por um grupo anônimo, e utiliza a temática da escola para publicar memes diariamente. Na descrição oficial (Imagem 2) eles afirmam, com humor, que ao seguir aquilo que publicam, o usuário terá contato com “as melhores e mais absurdas respostas de provas que você já viu! ”. São mais de dois milhões e seiscentos seguidores, duas mil e novecentas imagens publicadas, quase todas elas memes. Eles também deixam claro que são especializados em humor acadêmico/entretenimento e que todo conteúdo é cuidadosamente selecionado para que pessoas de todas as idades e gêneros possam ter a melhor experiência possível.

Sobre

INFORMAÇÕES DE CONTATO

-  @EscolaDepress1
-  contatoescoladepre@gmail.com
-  <http://instagram.com/escoladadepressao>
-  escoladadepressao

MAIS INFORMAÇÕES

-  Sobre
As melhores e mais absurdas respostas de provas que você já viu!

Contato: contatoescoladepre@gmail.com
-  Declaração de autoria
Página do perfil no Instagram [instagram.com/escoladadepressao](https://www.instagram.com/escoladadepressao), especializado em humor acadêmico e entretenimento. Todo o nosso conteúdo é cuidadosamente selecionado para que pessoas de todas as idades e gêneros possam ter a melhor experiência possível.
-  Escola

Figura 2. Print Scream com as informações oficiais da página.

São aproximadamente dez memes publicados por dia, quase todos tratando de questões que envolvem o cotidiano da sala de aula, com foco na percepção dos alunos sobre os espaços da instituição escolar e sobre a atuação dos professores. Evidente que o maior objetivo pretendido é

alcançar efeito cômico. O humor, como pontua Justo (2006), deve ser encarado como uma das formas legítimas de mediação com o mundo, para isso ele precisa ser adequado ao consumidor, assumindo muitas vezes um tom político, sarcástico e/ou caricatural. Isso ocorre porque, como afirma Possenti (2005), as piadas, geralmente, são enunciados que “só podem ocorrer num solo fértil de problemas, como os das zonas discursivas assinaladas acima, solos cultivados durante séculos de disputas e de preconceitos.” (POSSENTI, 2005, p. 37).

Os administradores também parecem estar sempre atentos aos acontecimentos midiáticos que envolvem não apenas a educação escolar, como também a cultura pop e a política. A ideia central é seguir o fluxo do ano letivo, utilizando, por exemplo, o ciclo de férias e a volta às aulas como tema motivador. Os personagens, as imagens escolhidas e as legendas, que constituem a complexa rede de enunciados, são escolhidos a partir da intencionalidade com a qual se pretende atingir o efeito humorístico, além de geralmente possuírem alguma relevância dentro dos constantes processos de viralização na web.

O meme abaixo (Figura 3), cujo sentido pretendido é alcançado a partir da relação estabelecida entre texto e imagem, é um exemplo típico da manifestação desse gênero na página selecionada. Nele temos um enunciado, estruturado em tópico frasal, que diz respeito a costumeira negociação realizada entre professores e alunos sobre as faltas. A presença na sala de aula, registrada em atas, torna-se assim um dos mecanismos de controle impostos pela escola, o que Foucault chama de “micropenalidades do tempo” (FOUCAULT, 1977, p. 159), ou seja, os atrasos, ausências e interrupções das tarefas que fazem parte de uma grande escala de punição. Isso mostra que a escola vem desempenhando inúmeros papéis na atualidade, mas entre eles, dois ainda persistem: a especificação da vigilância e o desejo de tornar os dispositivos de controle cada vez mais funcionais, como reforça Foucault (1977).



Escola da Depressão
@escoladepress1

Quando o professor fala que não reprová por faltas



Figura 3. Meme retirado da página Escola da Depressão, publicado em janeiro de 2017.

A colagem de imagens, paralelamente, cria uma espécie de narrativa em três atos, mostrando, no primeiro, a foto de um aluno que aparece com nitidez, no segundo, a figura do mesmo jovem aparece parcialmente transparente e no terceiro ele já não se encontra na figura, apesar do plano de fundo continuar o mesmo. Esse enunciado torna visível o receio dos alunos em relação às sanções que podem receber, como a penalidade, expressa na ideia de reprovação; garantindo assim que o sistema punitivo, em tais práticas, ainda se pareça eficaz. Por outro lado, percebe-se que a relação entre as três imagens e a frase também aponta para as motivações dos estudantes, como se o estudante não apresentasse outras motivações para comparecer àquele espaço. Mergulhando ainda mais nos enunciados, pode-se inferir que existe a possibilidade desse aluno não comparecer à escola. Evidente que essa não poderá ser uma prática recorrente, já que a escola possui outros mecanismos capazes de regular a frequência dos alunos, como suspensões, reuniões com os responsáveis e mudança de classe.

4. Considerações Finais

Através da pesquisa etnográfica realizada na página Escola da depressão, foi possível perceber, na pós-modernidade, a produção de discursos a partir da combinação complexa de recursos multimodais, abrindo para novas práticas de enunciação. Este trabalho refletiu sobre uma dessas



práticas típicas dos espaços virtuais, a qual implica em produção, reação e compartilhamento de memes, como unidades discursivas. Estas incidem, no caso da página analisada, na contestação da instituição escolar e das relações sociais vivenciadas em seus espaços.

O jogo discursivo permitido por plataformas como o Facebook é realizado por sujeitos que buscam apreender e produzir sentidos a partir de unidades e sistemas de interação bastante complexos. É preciso também que os usuários percebam e compreendam os efeitos de verdade produzidos pelos enunciadore, que aqui estão representados pelos administradores da página. Com a possibilidade de alargar o seu campo de presença e de agregar e misturar elementos discursivos diversos, esses agentes promovem técnicas de verdade, que como afirma Foucault (2012), são produtoras e não reflexo da realidade. Isso significa que os enunciados são vistos como “coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos.” (FOUCAULT, 2012, p.147).

Os discursos veridictórios construídos sobre a escola nas mídias utilizam o humor como um caminho de elaboração, essa é uma prática recorrente e muitas vezes neutralizada pelas estruturas de poder. Apesar disso, é importante apontar que apesar da manutenção de certas práticas e do seu caráter irreverente, o discurso humorístico, em algumas de suas camadas, também pode promover críticas radicais, dirigidas ao poder e aos costumes, como defende Justo (2006).

Os memes selecionados na pesquisa revelam, a partir dos agenciamentos de enunciação, que a relação professor-aluno ainda é permeada por mecanismos de controle e vigilância. Existe assim “uma relação assimétrica, em que a carga de competência e experiência dá licença, de parte do ensinante, ao exercício de um domínio que é muito fácil de consagrar nos meios de instituições hierárquicas.” (RICOEUR, 1969, p.72). A ideia de que o professor é o único agente responsável pelos processos de ensino-aprendizagem dentro do âmbito escolar também vem sendo desconstruída com bastante rapidez, o que nos leva a percebê-lo como um dos sujeitos dentro dessa engrenagem, evitando assim a reprodução de discursos voltados para a culpabilização.

Por fim, é fundamental reforçar que perceber as estruturas de poder e enxergá-las a partir dos discursos contidos nos memes, pode nos ajudar compreender como o sistema educacional ainda

exerce uma pressão constante, submetendo os alunos “a subordinação, à docilidade e à atenção nos estudos” Foucault (1999, p.152) a partir de condutas coercitivas e punitivas, e isso faz com que eles se sintam cada vez mais distantes da rotina escolar e enxerguem o corpo docente como uma extensão dessas práticas. Identificar, analisar e promover o contato com esses discursos são estratégias importantes para que possamos pensar em novos caminhos de atuação docente.

5. Referências

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências Metodológicas**. REVISTA USP, São Paulo, 2010.

BARICHELO, Eugenia Maria Mariano da Rocha; OLIVEIRA, Cristiane Cleveston de. **O Marketing viral como estratégia publicitária nas novas ambiências midiáticas**. In: Em Questão. Porto Alegre, 2010.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

BRADLEY, J. **Methodological issues and practices in qualitative research**. Library Quarterly, 1993.

BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciência humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, Univ. Minho, 2003.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Editora Gradiva, 1976.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Editora Vozes, 1977.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Campinas: Loyola, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault revoluciona a pesquisa em Educação?**. Perspectiva. Florianópolis, 2003.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of CyberSocial-Scientific Knowledge**. In: C.HINE (org), Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.

_____. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

JUSTO, José Sterza. **Humor, educação e pós-modernidade**. In: ARANTES, Valéria Amorin. (Org.). Humor e Alegria na Educação. São Paulo: Summus, 2006.

NEVE, Eduardo. 2006. **Exploração de espaços e lugares digitais através da observação flutuante**: Uma Proposta Metodológica. Observatório para la Cibersociedad, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

RICOEUR, Paul. **Reconstruir a Universidade**. Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1969.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.